

## AS CONTINUIDADES DA AGRICULTURA CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE MARMELEIRO (PR) <sup>1</sup>

BRAGA, Luís Carlos<sup>2</sup>

---

Recebido (Received): 2-02-2018 Aceito (Accepted): 21-11-2019

DOI:

Como citar este artigo: BRAGA, L. C. As continuidades da agricultura camponesa no município de Marmeleiro (PR). **Formação (Online)**, v. 26, n. 49, p. 215-233, 2019.

### Resumo

Nosso objetivo principal é identificar e compreender a permanência de elementos camponeses na agropecuária do município de Marmeleiro - localizado no Sudoeste do Paraná - após a implantação e contínua expansão da chamada modernização da agricultura. Para isso, identificaram-se os diferentes ritmos de tempo presentes na produção agropecuária, tanto os lentos como os mais rápidos, por meio dos conceitos de tempo e território e, das noções de territorialidade e temporalidade. Com isso, demonstrar-se-á os ritmos de tempo, destacando-se as permanências das principais variáveis. Para tanto, analisou-se a produção de aves e fumo, através do sistema de integração, a produção de grãos (soja e milho), a produção de leite e a produção para o consumo familiar, demonstrando como essas atividades interferem no ritmo de tempo dos agricultores, coexistindo com elementos camponeses que ainda estão presentes e são importantes no município estudado.

**Palavras-chave:** Mecanização. Elementos camponeses. Temporalidades.

## THE CONTINUITY OF PEASANT AGRICULTURE IN THE CITY OF MARMELEIRO (PR)

### Abstract

The main aim of this study is to identify and understand the persistence of the peasantry in agriculture in the municipality of Quince - located in the southwestern of Paraná - following implantation from continuing expansion of the so-called modernization in agriculture. In this regard, it was identified various difference of rates of working pattern upon agricultural production, both slow and fast, by means of concepts of time and territory, and the notion of territoriality and temporality. Thus, the rhythms of time will be shown, highlighting the permanence of the main variables. Therefore, in order to verify that the production of poultry and tobacco was examined under an integration system; in grain production (soybean and corn); overall milk production and production for human consumption, thus demonstrating how these activities interfere the rhythm of the small farmers, coexisting side by side with peasant elements which are still present and important inside the studied city.

**Keywords:** Mechanization. Peasants elements. Temporality.

## LAS CONTINUIDADES DE LA AGRICULTURA CAMPESINA EN EL MUNICIPIO DE MARMELEIRO (PR)

### Resumen

El objetivo de este estudio es identificar y entender la permanencia de elementos campesinos en la agricultura en el municipio de Marmeleiro - situado en el suroeste de Paraná - después de la implementación y la continua expansión de la llamada modernización de la agricultura. Para eso, se identificaron los diferentes ritmos de tempos presentes en la producción agrícola, tanto lento cuanto rápido, por medio de los conceptos de tiempo y territorio y, de las nociones de territorialidad y de temporalidad. Con eso, el estudio va a demostrar los ritmos de tiempo, poniendo de relieve las permanencias. Para tanto, se analizó la producción de aves de corral y el tabaco, a través de la integración de sistemas; la producción de granos (soja y maíz), la producción de leche y la producción para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II SEMDE – II Seminário Dinâmica Econômica e Desenvolvimento Regional, em dezembro de 2017

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Presidente Prudente. E-mail: l.karlos2009@hotmail.com

el consumo familiar, lo que demuestra cómo estas actividades interfieren en el ritmo de tiempo de los agricultores, coexistiendo con elementos campesinos que aún están presentes y son importantes en la ciudad estudiada.

**Palabras clave:** Mecanización. Elementos campesinos. Temporalidad.

## 1 Introdução

Neste artigo, socializa-se os resultados de pesquisas realizadas por meio de uma abordagem territorial histórico-crítica, dando centralidade às temporalidades, ou seja, relacionou-se a mecanização e a integração no mercado ao ritmo de tempo dos agricultores. Além da aceleração do ritmo de tempo, também se identificou os tempos mais lentos que permanecem em práticas com o saber-fazer, máquinas, implementos e técnicas consideradas rústicas, reproduzidas de geração em geração. Entende-se que esse tempo mais lento em que permanece é resultado da continuidade de uma temporalidade camponesa. Na realização da pesquisa foram entrevistados 203 agricultores em 12 comunidades rurais, de um total de 40 comunidades existentes no município de Marmeleiro; as quais foram classificadas em 3 grupos: menos mecanizadas, média mecanização e comunidades mais mecanizadas. Para tanto, utilizou-se como parâmetro o número de tratores e colheitadeiras: menos mecanizadas: 0 colheitadeira e até 3 tratores; média mecanização: 1 a 3 colheitadeiras e 4 a 9 tratores; mais mecanizadas: acima de 4 colheitadeiras e acima de 10 tratores.

Neste artigo, demonstra-se a análise dos tempos mais lentos que permanecem. Para isso, evidenciam-se os resultados dos agricultores com média mecanização e menos mecanizados, pois para estes a temporalidade camponesa é mais presente e importante para a sobrevivência dos mesmos. Os dois grupos representam 62,5% do total de entrevistados e quase 10% do total de estabelecimentos rurais do município de Marmeleiro.

Para demonstrar a continuidade da temporalidade camponesa, apresentar-se-á como ainda são utilizadas práticas e equipamentos considerados rústicos na produção de aves, fumo, grãos e leite, configurando uma mecanização parcial, e também a importância da produção para o consumo, além da pluriatividade e outras relações tipicamente camponesas que ainda permanecem, como a gerência do estabelecimento pela família e a inexistência de uma relação de quantificação entre a quantidade de trabalho despendido no estabelecimento por cada indivíduo e o consumo (alimentação, vestuário, tratamento de saúde, estudos etc.).

O município de Marmeleiro possui, segundo dados do IBGE (2010), 13.900 habitantes. Desse total, 8.824 compõem a população urbana e 5.076 a rural, estes dividem-se em 1.404

estabelecimentos agropecuários. No espaço rural, 70% dos estabelecimentos possuem área de terra entre 0,1 e 20 hectares, assim, a produção agropecuária é baseada em pequenos estabelecimentos com força de trabalho familiar: 86,5% dos estabelecimentos são considerados familiares. Para a análise das temporalidades, as principais produções agropecuárias consideradas foram: de fumo, de aves (sistema de integração), de grãos (principalmente soja e milho), de leite e de alimentos para o consumo familiar.

## **2 A reorganização dos elementos camponeses diante da modernização desigual**

Mesmo não atingindo de forma direta todos os agricultores, os tempos homogeneizantes da modernização da agricultura exercem pressão sobre a maioria deles. A modernização da agricultura implantada pelo Estado foi seletiva em relação às regiões, aos produtos e ao estrato de agricultores, mas, mesmo assim, as regiões e os agricultores que não foram envolvidos sistematicamente com a mecanização da agricultura, sofreram influência desse processo, como apontam Gonçalves Neto (1997), Silva e Kageyama (1988), Muller (1989).

No município de Marmeleiro, a modernização da agricultura é parcial, os agricultores não possuem todos os equipamentos e máquinas necessárias para as produções e nem todos têm acesso satisfatório aos financiamentos. E aos que têm, geralmente são disponibilizados créditos incompatíveis com a realidade dos agricultores. Os elementos que permanecem em relação à cultura e ao saber-fazer são decorrentes das necessidades e do esforço dos agricultores. Elementos que constituem herança da agricultura camponesa.

Na obra *Colonos do vinho*, José Vicente Tavares dos Santos elenca elementos camponeses importantes, alguns dos quais também foram identificados nesta pesquisa. Dependendo do nível de modernização, esses elementos aparecem de modo mais ou menos intenso. Segundo Tavares dos Santos (1978), no interior da família acontece uma divisão técnica do trabalho. Cada membro exerce um trabalho útil e concreto, dependendo do momento e da necessidade, resultando numa jornada de ações combinadas. Idosos são inseridos aos poucos e abandona-se a divisão sexual do trabalho em época de trabalhos mais pesados. A mulher também realiza trabalhos pesados e os idosos realizam trabalhos mais leves. Nesta pesquisa visualiza-se que esta situação varia dependendo do nível de mecanização e de produção. Na produção do fumo, crianças e idosos trabalham porque ela é composta de etapas de trabalho consideradas leves. Em estabelecimentos onde as principais atividades são a produção do fumo e do leite, as mulheres realizam os mesmos trabalhos que os homens.

O trabalho acessório realiza-se nos períodos em que diminuem os trabalhos no estabelecimento rural com vistas a complementar a renda e, geralmente são homens que o fazem. É efetivado em virtude da baixa renda e para que a mão de obra não fique ociosa. Nesta pesquisa verificou-se que as pessoas que o realizam trabalham fora do estabelecimento, ou seja, possuem um trabalho fixo devido à baixa renda rural, à mecanização e à busca, principalmente pelos jovens, de uma autonomia e interatividade maior, como será apresentado adiante.

A propriedade privada da terra aparece como fator importante para a autonomia do agricultor; é uma possibilidade para ele controlar o processo do trabalho e também uma herança para seus filhos, para que eles prossigam na atividade. No Sudoeste paranaense, mesorregião onde se localiza o município de Marmeleiro, os caboclos não possuíam uma relação de propriedade com a terra, utilizavam o sistema de rotação para o plantio; quando os migrantes gaúchos e catarinenses chegaram, eles venderam a terra por baixo valor, e os migrantes instituem a propriedade privada familiar da terra (SAQUET, 2006).

Outra característica dos camponeses que se identificou neste estudo, e já apontada por Tavares dos Santos (1978), consiste no trabalhado ser um meio para reproduzir a vida familiar. Para o camponês, o trabalho é algo ligado à ética, trabalhar é bom costume, é algo exemplar. Ao mesmo tempo, a sua ligação com a terra e os meios de produção fazem com que ele trabalhe por prazer, ele tem gosto em realizá-lo. Por meio das entrevistas realizadas, percebe-se que algumas etapas, como a aplicação de agrotóxicos, são rejeitadas pelo agricultor. Todavia, de modo geral, ele gosta de trabalhar, gosto construído historicamente pela necessidade de sobrevivência e pela não reflexão aprofundada da sua subordinação. Cada um trabalha em um ritmo, dependendo dos meios técnicos de que dispõe, dos seus objetivos e das condições financeiras que tem.

Outro aspecto é o trabalho de ajuda mútua. Entre os agricultores estudados, ele diminuiu significativamente, mas ainda existe, e a sua importância e sua lógica variam dependendo do nível de mecanização. Para alguns agricultores, a ajuda mútua é fundamental para a produção; para outros, é utilizada para aumentar o ritmo do trabalho.

Na produção para o consumo, a análise é parecida com a do trabalho de ajuda mútua; ela diminuiu, mais ainda existe; dependendo do nível de mecanização e integração ao mercado, a sua importância varia; para uns ela é fundamental para a sobrevivência da família; para outros, ela ajuda a suprir as necessidades da baixa renda; para outros mais ela existe porque é um costume cultivar alguns produtos para o consumo familiar.

Outra característica da lógica familiar que permanece e que foi identificada durante a pesquisa é o que Garcia aponta: “[...] não há relação entre o desempenho do indivíduo e o grau de consumo” (GARCIA, 1983, p. 104). Isso pode ser constatado no acampamento São Francisco, quando um agricultor relata que um filho não conseguiu terminar o ensino médio, acabou desistindo e passou a ajudar o pai no trabalho todos os dias, enquanto o outro filho mais novo continuava estudando e ajudando menos no trabalho, mesmo assim ele utiliza mais renda da família que o filho que trabalha.

A importância e a intensidade dos elementos camponeses presentes em Marmeleiro variam de um estabelecimento para outro. Por isso, não é possível generalizar a agricultura, atribuindo denominações sem considerar suas diferenças. A agricultura familiar é uma construção histórica, alguns elementos permanecem e outros, considerados novos, são incorporados.

As práticas e os saberes mais simples utilizados na agricultura são uma conjugação de diversos tempos. Resultaram de várias sucessões de experiências e repetições com acertos e erros até chegar ao melhor resultado possível. É a partir deste contexto sumariamente descrito que se apresenta a permanência das temporalidades e dos elementos camponeses em Marmeleiro.

### **3 A continuidade da produção camponesa na produção agropecuária do município de Marmeleiro/PR**

Para demonstrar a reprodução dos elementos camponeses, como já mencionamos, apresentam-se as comunidades rurais estudadas, do grupo 2 (agricultores com média mecanização) e grupo 3 (agricultores menos mecanizados). Para compreender os diferentes níveis de mecanização e a conjugação desses elementos que permanecem e são conjugados com os considerados modernos, optou-se por analisar, de modo mais aprofundado, algumas comunidades rurais do município, porque as técnicas diferenciam-se desde as escalas maiores até as menores, diferenciando-se de um estabelecimento para outro, onde as produções ainda não são padronizadas.

A análise a partir das comunidades justifica-se porque existem muitas variáveis semelhantes nas condições de produção do município, como máquinas, implementos, tamanho de área de terra, quantidade produzida para a comercialização e para o consumo. Não há homogeneidade, mas no “interior” das comunidades existem certas semelhanças: em algumas

concentram-se os aviários, os tratores, as colheitadeiras, as maiores áreas plantadas, enquanto em outras há poucos tratores, a produção para o consumo é fundamental, há concentração da produção de fumo, que exige mais gente para trabalhar, ainda se utiliza mais equipamentos como arados de tração animal, carroças e trilhadeiras.

Existe certa invisibilidade do desenvolvimento das técnicas dos agricultores: o “[...] peso institucional e cultural dos modelos dominantes, ditos modernos, em termos de mercado, saber e poder, é apenas uma razão a mais que explica esta invisibilidade” (SABOURIN, 2009, p. 205). As técnicas mais simples dos agricultores e o saber-fazer, normalmente, não são considerados em estudos de geografia. Contudo, são práticas importantes, pois mesmo assim os agricultores conseguem sobreviver utilizando recursos naturais escassos, ligando-se a um mercado instável.

Foram observadas, em campo, diferentes práticas nas mesmas produções agropecuárias. Tais práticas variam dependendo da quantidade de membros da família, da força física dos membros e dos equipamentos que possuem, do tamanho do estabelecimento, do relevo etc.

No grupo com média mecanização (grupo 2), estão as comunidades da Linha Itaíba, Linha Manduri, São Mateus e São Luiz. No grupo dos menos mecanizadas (grupo 3) estão as comunidades São Jorge, São Francisco, Santo Antônio e Anjo da Guarda. Percebe-se a presença maior de equipamentos que levam a um tempo mais lento nos agricultores menos mecanizados; já nos com média mecanização, ocorre uma conjugação entre elementos considerados modernos e rudimentares.

Nas comunidades do grupo com média mecanização, as principais produções são a soja, o milho, o leite e o fumo. A média de área dos estabelecimentos é de 21,1 hectares por estabelecimento rural, o menor tem 0,5 e o maior 121 hectares. São os estabelecimentos que apresentam a maior heterogeneidade de temporalidades, têm 2 ou 3 produções voltadas para o mercado, contudo ainda é necessária a produção para a subsistência e o trabalho familiar. Há um misto maior de máquinas e equipamentos, contratam empregados esporadicamente, terceirizam alguns trabalhos, principalmente o plantio e a colheita da soja e do milho. As produções comercializadas possuem algumas etapas mecanizadas, outras não; as principais são: leite, soja, milho e fumo. Ao mesmo tempo em que possuem ordenhas e tanques de expansão para produzir o leite, transportam o alimento dos animais com as carroças. Utilizam insumos químicos considerados avançados tecnologicamente, na produção do fumo, mas fazem o controle das ervas daninhas de forma manual. Também nas áreas mais íngremes, onde não é

possível utilizar as máquinas, o plantio e a colheita são realizados de forma manual, apenas o controle das ervas daninhas é com herbicidas, aplicados com o pulverizador costal.

Nas comunidades consideradas menos mecanizadas, destaca-se a produção de leite. A produção de grãos é realizada através do arrendamento ou contratam-se os trabalhos mecanizados. Fazem parte das comunidades do município menos mecanizadas devido à declividade do relevo, às condições econômicas e à dificuldade de acesso às políticas públicas. A área média dos estabelecimentos rurais é de 12,7 hectares; o maior estabelecimento possui 17 hectares, o menor 7 hectares.

Na Tabela 01, apresentam-se os dados da mecanização dos dois grupos, na qual se percebe a importância das máquinas e dos equipamentos considerados rústicos, como enxada, carroça, foice, trilhadeira, ao mesmo tempo, a quantidade de tratores, colheitadeiras, não é grande. A mecanização parcial resulta também do acesso desigual às linhas de crédito, apenas 11,2% dos agricultores do grupo 3 financiam o custo da produção, enquanto no grupo 2, 69,6% dos agricultores financiam. Os menos mecanizados financiam menos, pelos motivos apresentados anteriormente, falta de documentação e informações, medo de contrair dívidas, falta de garantia, “preconceito” em relação às agências de financiamento.

No município de Marmeleiro, na agropecuária, as principais produções, considerando o número de estabelecimentos e a quantidade produzida são as de fumo, milho, soja, leite, aves e a produção para o consumo familiar. Nas análises, segundo dados do Censo Agropecuário (2006) referentes ao Sudoeste paranaense e ao município de Marmeleiro, destacam-se essas produções, com destaque para a agricultura familiar.

Em relação a produção de aves nos dois grupos estudados, esta é encontrada em apenas um estabelecimento, onde a família produz aves para corte através do sistema de integração e consegue uma renda mensal líquida de R\$ 11.000,00. Isso porque é uma produção que exige um investimento considerável, segundo o proprietário do aviário, atualmente é necessário R\$ 400.000,00 para a construção de um aviário de 150 metros. É nesta produção que há mais controle do tempo dos agricultores, já que os mesmos precisam fazer relatórios diários, também o estabelecimento fica à disposição para a visita de representantes da empresa a qualquer momento, a orientação pelo dia e a noite é modificada porque o agricultor precisa ir ao aviário no período noturno para ajustar o sistema de alimentação e a temperatura; além disto, não é permitido a criação de outras espécies de aves no estabelecimento. O contrato com a empresa é unilateral, a mesma não oferece garantias de renda, e o produtor é obrigado a utilizar os produtos e a comercializar a produção somente com a empresa integradora.

Outra produção realizada através do sistema de integração, sendo bastante presente entre os agricultores estudados de Marmeleiro, é a de fumo. Ela possui algumas particularidades: é composta por formas de produção consideradas atrasadas (utiliza-se arado de boi e o controle das ervas daninhas é realizado de forma manual); é necessário muito trabalho braçal e, ao mesmo tempo, utiliza-se um pacote de insumos químicos. Nessa produção, a participação dos agricultores familiares é fundamental, principalmente na colheita.

Na produção do fumo, o nível de modernização entre os agricultores é semelhante, pois a estrutura de produção (galpão e estufas) é padronizada, o pacote de insumos químicos também é padrão e estes são disponibilizados a todos pela empresa. Os agricultores utilizam tração animal para o transporte e o controle das ervas daninhas é realizado manualmente com enxadas.

Entre as cláusulas contratuais, a classificação das folhas pode ser considerada o principal elemento utilizado pela empresa para desvalorizar o produto. É pela classificação das folhas que se estabelece o valor do quilo do fumo. São analisados aspectos como cor, tamanho e umidade das folhas. Dependendo dessas características, o fumo é classificado em determinada classe, e cada classe possui um valor por quilo. Dependendo da demanda do mercado, os critérios mudam a cada safra.

Na safra 2013/2014, segundo o produtor entrevistado, a empresa, depois da produção já colhida, comunicou que a classe do fumo com melhor valor seria o fumo com a cor marrom, pois o fumo desta cor, foi solicitado pelos compradores da Europa. A empresa realiza anualmente reajustes no valor do quilo que corresponde a cada classe determinada, porém, ela aumenta o valor do quilo, mas deprecia a qualidade das folhas no momento da classificação, diminuindo, normalmente, a quantidade do fumo na classe B1, que é a mais valorizada. Assim, a qualidade do fumo vem baixando a cada safra, quando o normal seria o aumento devido à experiência que os produtores vão adquirindo na produção e às novas técnicas empregadas. A classificação é realizada na empresa depois que a produção já foi entregue, assim, se o agricultor não concordar com o valor pago ele não tem como recorrer, pois o fumo já foi entregue e o preço da produção já foi estabelecido. A produção não é entregue toda de uma vez, conforme o produtor vai enfardando a produção nos galpões a empresa vai recolhendo.

A produção de leite, atualmente, é importante fonte de renda para os agricultores familiares com elementos camponeses, percebe-se que a produção de leite teve um aumento significativo, no município de Marmeleiro, entre o período de 1975 e 2012, já que o aumento foi maior que 1.000%. O aumento mais significativo foi entre 1995 e 2012, período em que a produção triplicou em pouco mais de 10 anos. Outra análise importante é que o número de



vacas ordenhadas não aumentou na mesma proporção que o leite produzido, ocorrendo diminuição no número de vacas ordenhadas em alguns períodos. O período em que é mais evidente esse processo é entre os anos de 2005 e 2012, quando houve uma queda de 14% no número de vacas ordenhadas, porém, a quantidade de litros produzidos aumentou 66% (IBGE – Pesquisa pecuária municipal).

A produção de leite cresceu significativamente na região Sudoeste do Paraná, em particular, em Marmeleiro, tornando-se importante fonte de renda para os agricultores familiares. Segundo dados da prefeitura municipal de Marmeleiro, do ano de 2013, 30% do Produto Interno Bruto (PIB) agropecuário do município de Marmeleiro provêm da produção leiteira.

Em relação a produção do leite, existem variações em relação as técnicas utilizadas, entre os dois grupos. Em relação à área de terra utilizada para a pastagem, os com média mecanização utilizam mais rações e silagem para alimentação dos animais, então, utilizam menos área de pastagem, porém, a quantidade produzida é maior, juntamente com o custo da produção.

Na produção de leite no grupo dos agricultores com média mecanização e, principalmente, os menos mecanizados, é realizada uma produção mais extensiva. Isso pode ser comprovado através da média de litros produzida por hectares. No grupo de média mecanização, 1.688 litros por hectare; e, no grupo dos menos mecanizados, 689; a quantidade de litros produzida no grupo 3 é 145% menor que a quantidade produzida por hectare no grupo 2. A média por estabelecimento nos agricultores com média mecanização é de 4.142,9 litros mensal; nos menos mecanizados 1.597,5 litros mensal. Já os gastos com a produção são os seguintes; no grupo com média mecanização, 38,4%, e, no grupo menos mecanizado, 34,8% do valor bruto da produção.

Tabela 1 – Distribuição de máquinas e implementos nas comunidades estudadas no município de Marmeleiro (PR).

Comunidade	Enxadas	Foices p/ estab.	Capinadeiras tração animal	Carroças	Jericós	Trilhadeiras	Colheitadeiras	Tratores	Arados tração animal	Contrata trabalho mecanizado
Linha Itaíba	15	15	05	02	08	03	02	09	04	14
Linha Manduri	11	10		03		02	02	09		14
São Mateus	06	06	01	03		03	01	04	03	11
São Luiz	08	08		06	02	01	01	04	05	12
<b>Total média mec.</b>	<b>40</b>	<b>39</b>	<b>06</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>09</b>	<b>06</b>	<b>26</b>	<b>12</b>	<b>51</b>
São Jorge	05	05	05	03		02		03		08
São Francisco	13	13	04	08		04		03	06	10
Santo Antônio	28	26	04	11	02	05		03	11	22
Anjo da Guarda	15	15	03	10	01	04			08	09
<b>Total menos mec.</b>	<b>61</b>	<b>59</b>	<b>16</b>	<b>32</b>	<b>03</b>	<b>15</b>	<b>00</b>	<b>09</b>	<b>15</b>	<b>49</b>
Total geral	101	98	22	43	13	24	06	35	27	100

Fonte: Trabalho de campo, 2015. Organização: O AUTOR (2015).

Obs.: os dados das enxadas e foices correspondem ao número de estabelecimentos.

Nesses grupos as raças selecionadas e a utilização de rações e de grande quantidade de silagem diminuem. Nos menos mecanizados, as condições são inferiores, a maioria dos animais não é selecionada, ainda utilizam tanques no sistema de tarros e a produção de silagem é inferior. Nos menos mecanizados, 47,4% transformam o milho em silagem; os demais alimentam os animais com o milho in natura. A silagem é a forma mais correta de alimentar os animais quando se utiliza o milho; os que não fazem silagem alimentam os animais através do caule e das espigas inteiras de milho, o que não é totalmente aproveitado, porque o caule do milho não é triturado e o animal não consegue ingeri-lo integralmente.

O cultivo dos grãos como soja e milho é feito com outras atividades. As produções nos estabelecimentos com pouca área de terra são realizadas para que uma parte das terras não fique ociosa: um produtor produz fumo e leite, mas ele não consegue utilizar toda a área, mesmo ela sendo pequena e, para o leite ele não possui um plantel de animais ou infraestrutura suficiente para uma grande produção, então, produz uma das commodities, mesmo que a renda seja pouco significativa.

Na produção da soja houve certa inviabilidade na safra 2014/15. Para a produção, nos estabelecimentos com média e baixa mecanização, o custo da produção em relação à renda bruta foi de 61,5% nos estabelecimentos menos mecanizados; 57,1% nos estabelecimentos com média mecanização. O principal motivo dessa diferença é falta de máquinas e implementos para a produção e o baixo potencial de financiamentos para o custeio da produção dos menos mecanizados e com média mecanização. Entre o grupo com média mecanização, em relação ao financiamento dos custos da produção, 41% dos custos são financiados e nos agricultores com baixa mecanização, apenas 18,6%. Mesmo quando o custo da produção é financiado, o valor do crédito não cobre todas as despesas da produção, conforme verificamos em campo por meio das entrevistas.

A diversidade de fatores influencia na produtividade e na renda. A produtividade média por hectare é a seguinte: os de média mecanização, 3,3 toneladas por hectare; menos mecanizados, 3,1 toneladas por hectare. A renda média líquida por hectare nos agricultores do grupo 1, R\$ 1.288,00; no grupo 2, R\$ 571,00, 125,5% menor em relação ao grupo 1. Quando se contrata o trabalho para a colheita, a porcentagem cobrada sobre a produção bruta é maior nos estabelecimentos do grupo dos menos mecanizados. Como esse grupo não possui nenhuma máquina na comunidade, é preciso contratar máquinas de localidades mais distantes, encarecendo o custo da colheita. No grupo dos com média mecanização, o custo cobrado pela colheita é de 11,6% da produção bruta. Já nos menos mecanizados esse valor é de 13,8%.

Segundo os depoimentos dos agricultores do último grupo, isso acontece devido à distância que o contratado precisa percorrer para colher, além disso, são áreas pequenas. Geralmente, o proprietário da colheitadeira aceita o trabalho se for para colher em dois ou três estabelecimentos, para compensar o custo do deslocamento. Com isso, muitas vezes, a plantação passa do período ideal de ser colhido. Outro empecilho é que, neste grupo menos mecanizado, a quantidade de tratores também é menor, dificultando o preparo mais adequado do solo, acarretando perdas no momento da colheita.

Já a maior parte da produção do milho é para o consumo dos animais (interno ao estabelecimento). No grupo 2, 90,5% do total de toneladas colhidas é para o consumo, a maior parte em forma de silagem e, no grupo 3, 58,9%, isso porque o milho é comercializado nesse grupo como uma forma de conseguir alguma renda, e até mesmo a produção destinada à comercialização é colhida manualmente. Essa é outra característica camponesa: tentar agregar valor e diminuir os custos da criação dos animais consumindo, neste caso o milho, no estabelecimento e comercializando o excedente.

Tanto no cultivo da soja e do milho como na produção do leite há centralidade do trabalho familiar - característica camponesa -, que pode ser percebida pelos poucos trabalhadores contratados entre nossos entrevistados, aspecto reforçado pela utilização da prática de troca de dias de trabalho (Tabela 7). A atividade na qual mais se utiliza a contratação de temporários e a troca de dias é a produção de silagem. No grupo 2, 47,6% dos contratados temporários são para a produção de silagem. Os demais são para a produção do fumo, para trabalhar no plantio de grãos, preparar áreas de pastagens etc. Nos dois grupos está presente a prática de troca de dias de trabalho para tentar superar a fragilidade em relação ao acesso as máquinas, aos financiamentos e à contratação regular de trabalhadores.

A troca de dias de trabalho é uma necessidade, os agricultores que possuem trilhadeira para debulhar o milho realizam esse trabalho para os agricultores que não possuem a mesma, em troca de dias de trabalho braçal. Assim também acontece com outras máquinas, e também para colher alguma produção que possa estragar se não for colhida na época certa, ou para construir ou reformar alguma estrutura como galpões, estábulos. É importante notar que há relações de confiança entre os que praticam esta relação de ajuda e não levam em consideração aspectos como a contabilização das horas de trabalho ou a penosidade do mesmo, mas sim a necessidade do vizinho. O agricultor que está trabalhando não cumpre uma jornada de trabalho exata, ele trabalha até o término da atividade ou até que seu vizinho precise.

Diante dessa diversidade de relações e das dificuldades encontradas na produção mercantil, a (produção) para alimentação familiar é fundamental. São produtos básicos que contribuem para a economia da família. A produção desses alimentos não deixa os agricultores totalmente dependentes das produções mercantis.

Entre os agricultores estudados, percebe-se que a produção para alimentação familiar é planejada conforme as variações dos valores das direcionadas para a comercialização. Quando a safra proporciona renda maior, eles consomem mais alimentos industrializados comprados na cidade. Quando ocorre uma queda nos preços dos produtos, ou alguma intempérie, recorrem aos alimentos que produzem, visando à diminuição nos gastos e também devido à sazonalidade de alguns itens. Os agricultores estão perdendo o hábito de armazenar produtos para a alimentação. Sempre há alguns produtos, independente das variações do mercado, mas geralmente são os que demandam menos trabalho e são mais resistentes as intempéries, como a mandioca e a batata-doce.

O principal motivo que levou à diminuição da produção para o consumo no estabelecimento rural é a praticidade do acesso aos produtos industrializados. Outro motivo é a correria do dia-a-dia. É preciso dedicar-se mais à produção para a comercialização porque é necessário pagar os custos e as novas necessidades de consumo; também há perda parcial do controle das sementes biológicas e o desequilíbrio biológico, que faz com que ocorra ataque de pragas que dificultam a produção dos produtos para o consumo familiar. Geralmente os terrenos utilizados para essas produções são os com declividade maior, os “cantos” onde é difícil o acesso das máquinas. As áreas mais mecanizadas são utilizadas para a produção para a comercialização.

Entre os agricultores, os principais alimentos produzidos para o consumo são os que exigem menos tempo de trabalho, como verduras, mandioca e batata-doce. Em relação ao abate dos animais, percebe-se uma predominância no consumo de carne de frango por exigir menos tempo de trabalho e de engorda.

A importância da produção para o consumo é maior para o grupo menos mecanizado, já que 84,5% declaram que consomem diariamente algum alimento produzido no próprio estabelecimento e este produto é fundamental para a economia da família. No grupo com média mecanização a incidência é de 72,2%.

Além do exposto, pode-se perceber as diferentes temporalidades camponesas dos agricultores através da análise do seu cotidiano, e como o tempo dos agricultores vem alterando através da mecanização e mercantilização da produção, conjugando produções realizadas com

técnicas tradicionais, destinadas ao consumo da família, com outras voltadas para a comercialização. Cada produção possui suas peculiaridades e temporalidades vinculadas ao relevo, ao período do ano, às técnicas, às tecnologias e à comercialização; condições influenciadas pela quantidade de área de terra, força de trabalho e condições financeiras. Conforme os agricultores sofrem influência dos tempos mais rápidos, geralmente ligados à maior racionalidade das atividades urbano-industriais, mais se desenvolve a necessidade de medir o tempo através de dispositivos criados pelo homem.

Padrões de medidas mais exatos e confiáveis passam a ser criados pelo homem porque se entende que eles são mais precisos do que os naturais (ELIAS, 1998). Entende-se que os padrões artificiais contribuem para melhorar o uso e o controle do tempo, para a sua racionalização, principalmente a serviço do sistema de produção e ao acúmulo de capital. Assim, os símbolos desenvolvidos através dos mecanismos artificiais de medição do tempo passam a controlar e ajustar o tempo com maior intensidade. Nos ambientes mais industrializados, isso ocorre com maior frequência. No espaço rural, esse processo demonstra maior heterogeneidade. Nos espaços com maior mecanização e integração ao mercado, o controle desse tempo é maior, porém, como está sendo demonstrado, o controle não é total, os tempos lentos permanecem através da temporalidade camponesa e são fundamentais na sua reprodução biológica e social.

Para demonstrar a existência desses tempos lentos, será descrita a rotina de trabalho de uma família. As atividades variam, dependendo da época do ano; os períodos em que as atividades são mais intensas acontecem no plantio e na colheita.

Apresenta-se aqui a rotina de trabalho em um estabelecimento dos menos mecanizados. O lote deste assentado possui 8,4 hectares, mas ele cultiva 3,5 devido às condições do relevo e porque a única produção para a comercialização são hortaliças; o restante da produção é para o consumo familiar. A renda média líquida da produção de hortaliças vendida nas casas no espaço urbano é de R\$ 2.300,00 mensais. A rotina de trabalho do agricultor possui um tempo mais lento. O casal acorda às 06h30min, porque é um hábito acordar cedo para tomar chimarrão. A esposa ordenha as vacas para utilizar o leite no café e para a fabricação do queijo para a família. O trabalho no estabelecimento inicia entre as 8h e 08h30min, a primeira atividade é alimentar os animais, já que sempre há no estabelecimento 2 suínos, 20 galinhas para o abate e 2 vacas de leite. Enquanto o agricultor alimenta os animais, a esposa realiza os trabalhos da casa. Nos dias de fazer entrega das hortaliças na cidade, o que ocorre a cada dois dias, a esposa trabalha na produção somente na parte da tarde.

Após alimentar os animais, o agricultor começa os trabalhos com as hortaliças, que se estende até às 11h30min, após o almoço, ele costuma descansar e recomeça o trabalho, no horário de verão, às 15h, no horário “normal” às 14h. Antes de iniciar o trabalho com a plantação, ele alimenta os animais novamente. No período da tarde, trabalha com as hortaliças e com a produção para o consumo familiar. Além das plantações de hortaliças, também produz mandioca, batata-doce, amendoim, pipoca e algumas variedades de frutas, e conta com o trabalho da mulher na realização destas atividades. O trabalho perdura no horário de verão até às 19h; no horário “normal”, até às 17h. Depois do trabalho com as plantas, ele alimenta novamente os animais, trabalho que leva em torno de 30 a 40 minutos, enquanto a mulher ordenha as vacas. Depois de feito isso, o casal vai para casa.

Nos dois dias em que o casal vai para a cidade vender as hortaliças, eles aproveitam para fazer as compras necessárias e, geralmente, retornam antes do almoço. A descrição da rotina de trabalho desse estabelecimento, aponta algumas temporalidades camponesas, o tempo mais lento representado no descanso após o almoço, o tempo para tomar o chimarrão, a regularidade em ter a produção de alimentos e a criação de animais para o consumo.

Os camponeses, historicamente, sempre exerceram várias atividades, a produção para o consumo familiar, o conserto e o aperfeiçoamento de seus equipamentos, a criação de diferentes espécies de animais, a comercialização de diferentes produtos e também o trabalho fora do estabelecimento em atividades agrícolas ou não agrícolas, para complementar a renda, no entanto, com o processo de modernização da agricultura e o ajustamento do seu tempo, iniciou-se uma especialização (ANJOS, 2001).

Simultaneamente, ainda quando certa família não possui quantidade de terra suficiente ou quando sobra força de trabalho para um sistema de produção— a fim de que as pessoas não fiquem ociosas e incrementem-se a renda e equilibrem-se a relação trabalho-consumo— buscam-se outras atividades, agrícolas ou não agrícolas fora do estabelecimento rural. Assim, alguns realizavam trabalhos acessórios ou trabalhos em tempo parcial, conforme se constatou em Marmeleiro.

As razões pelas quais continuam a residir no espaço rural —devem-se ao menor custo de vida, pois não há gastos com aluguel, água e com alguns alimentos que são produzidos no estabelecimento. Porém, mesmo assim, nota-se que a ocupação nas atividades agropecuárias e a renda proporcionada por elas ainda é mais significativa na família como um todo, porém, o membro que exerce o trabalho pluriativo exerce uma atividade regular, não é uma atividade acessória num período de entressafra. Até o momento que essa renda compensar, na

comparação com as possibilidades a disposição no estabelecimento agropecuário ,ele a exerce. E segue uma tendência, atrás do aumento dessa renda pluriativa, da busca pela independência financeira e a migração definitiva para a cidade.

Nos dois grupos estudados, em 45,6% dos estabelecimentos é praticado o trabalho pluriativo: no grupo 2, em 44,6% dos estabelecimentos existem agricultores pluriativos e, no grupo 3, 46%. Um elemento que mostra a reorganização do trabalho camponês é que entre os entrevistados a maioria, 83%, sai para trabalhar em atividades não agrícolas. A quantidade de aposentados também é significativa no grupo 1 chega a 69,6% e 56 % no grupo 2 e 3, respectivamente. Os aposentados representam uma complementação na renda da família, contribuindo para a continuidade da família no estabelecimento rural.

Entre as profissões, no grupo 2, destacam-se os trabalhadores pluriativos em madeiras, 6 pessoas, e também diaristas domésticas, auxiliar de pedreiro e diaristas em atividades agrícolas, estas profissões apresentaram mais do que dois trabalhadores.

No grupo 3, evidenciam-se, 5 trabalhadores de um restaurante, 1 no STR, 1 na COOPAFI, 1 pedagoga, e o restante são profissões diversas: segurança, auxiliar de pedreiro e mecânica de automóveis, auxiliar de pedreiro, empregadas domésticas e funcionários em empresas que prestam serviços de segurança. No grupo 2, na comunidade da Linha Itaíba, 3 funcionárias do restaurante trabalham também na produção de leite nos estabelecimentos rurais, pois a ordenha é realizada antes e depois do horário comercial, e antes de trabalhar no restaurante trabalhavam na produção do fumo. Segundo elas, a opção pelo restaurante é pela penosidade do trabalho com o fumo:

[...] o fumo numa safra boa, dá até mais do que nós tiramos aqui, porque eu comecei faz dois meses, ganho pouca coisa mais que um salário [...] só que o fumo é muito sofrido, ter que trabalhar no sol, a gente tá sempre 'suja' e cansada na colheita [...] e pra mulher é pior, eu envelheci uns 5 anos a mais depois que começamos no fumo [...] aqui a gente tem que seguir ordens e tal, mas é um pouco mais confortável, na sombra a gente pode se cuidar mais, também faz mais amizades (AGRICULTOR DO GRUPO 2, ENTREVISTA, 2014).

No grupo 3, as pessoas trabalham fora mais pela necessidade da renda ou porque a principal atividade é o leite, atividade que não exige dedicação em tempo integral; a produção de grãos é realizada através da contratação de trabalho mecanizado ou pelo arrendamento. A renda da pluriatividade é importante, pois algumas famílias possuem renda menor do que um salário mínimo. Então, os trabalhadores das madeiras, as diaristas, recebem salários mensais



que variam de R\$ 750,00 a R\$ 1.000,00; o que faz com que a renda desse grupo seja um pouco maior é que trabalham na construção civil e recebem salários entre R\$ 1.300,00 a 1.800,00.

Em Marmeleiro, entre os entrevistados, todas as pessoas que exercem atividade fora do estabelecimento rural passam a trabalhar pouco nas atividades agropecuárias, exercem mais o trabalho de organização e gerência (pagamentos de contas, compra de insumos, documentação para os financiamentos). A renda do trabalho realizado fora do estabelecimento não é toda dividida no núcleo da família, o trabalhador pluriativo passa a contribuir nas contas básicas da casa, tais como pagamento da luz e da alimentação. E 17% dos pluriativos entrevistados não contribui, todavia continua morando em casa justamente por não precisar pagar estas contas. Então, o trabalho fora do estabelecimento rural gera várias situações na organização familiar. O trabalho pluriativo pode trazer um ônus para a família se o trabalhador continuar morando no estabelecimento e não contribuir com o pagamento das despesas. Numa das famílias estudadas, o filho trabalha na cidade, mas não contribui no pagamento das despesas da família, pois está pagando prestações de um financiamento da compra de automóvel que utiliza para se deslocar até a cidade e a um cursinho.

No caso dos pluriativos que contribuem no pagamento das despesas familiares, eles ainda são uma força de trabalho auxiliar em momentos em que o ritmo da produção é mais rápido e intenso, pois podem trabalhar nos finais de semana e feriados, e no período do horário de verão após o horário comercial, principalmente na produção do fumo e do leite, conforme identificado nos trabalhos de campo.

No grupo 3, 85% dos agricultores querem permanecer, não pretendem ir para a cidade mais tarde. O alto percentual destinado a ficar no espaço rural, manifestado pelo grupo dos agricultores menos mecanizados, pode estar ligado ao fato de que são acampados e assentados e passaram por um processo desgastante para conseguir a posse da terra, então o valor da conquista está muito presente. As condições de vida da maioria destas pessoas eram precárias, relatam que já moraram embaixo da ponte, em favelas, então, a possibilidade da posse da terra trouxe certa segurança, de possuir no mínimo um lugar para habitar e poder produzir o básico para o consumo familiar, dessa forma, identifica-se mais um elemento camponês: a terra de trabalho, a propriedade da terra como um meio de garantir a sobrevivência e produção da família agricultora. Conforme esses assentados e acampados vão se estruturando, gradativamente, integrando-se ao mercado e mecanizando suas produções e, conseqüentemente, modificando o ritmo de tempo, os seus objetivos podem ser modificados.

#### 4 Considerações finais

Os dados apresentados demonstram a permanência e importância dos elementos camponeses ainda existentes em Marmeleiro (PR), representados através das temporalidades inerentes a uma vida mais simples, uma produção menos mecanizada e menos voltada para o mercado. Devido ao gradual aumento no ritmo de tempo dos agricultores provocados pela inserção ao mercado, os elementos camponeses vem sendo reorganizados, ganhando outras funções, com variações na sua intensidade, devido a fragilidade econômica da maioria das famílias estudadas.

Em alguns períodos, as temporalidades camponesas são mais importantes, essa oscilação acontece principalmente no grupo 2, devido às incertezas que envolvem as produções agropecuárias, “flutuam” entre uma safra “ruim” e uma safra “boa”, em alguns momentos a prioridade é o consumo familiar e, em outros, vislumbra-se a possibilidade de aumentar o poder de consumo; quando a safra é ruim recorrem aos elementos camponeses principalmente no que se refere à produção para o consumo familiar e à ajuda mútua entre vizinhos.

Os agricultores do grupo 3 estão em um ritmo mais lento, o seu vínculo com a temporalidade camponesa é ainda maior, porque possuem os equipamentos considerados “mais atrasados”, pouco acesso aos financiamentos, produzem uma ou duas variedades para o mercado, lançando mão da produção para o consumo familiar e da pluriatividade para equilibrar a economia familiar, além da aposentadoria, que é significativa. Possuem menos contato com o espaço urbano, menor poder de consumo. Porém, mesmo para estes, o ritmo de tempo vem aumentando.

#### Referências

ANJOS, F.S. Pluriatividade e ruralidade: enigmas e falsos dilemas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 17, 2001, p. 54-80. Disponível em: C:\Users\Luiz Carlos\AppData\Local\Temp\Flavio-Sacco-dos-Anjos-Pluriatividade-e-ruralidade-enigmas-e-falsos-dilemas.mht. Acesso em: junho/2015.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**; editado por Michael Schroter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Andrea Daher. RJ. Janeiro: Jorge Zahar 1998.

KAGEYAMA, A. A; SILVA, J. G. **Dinâmica da agricultura brasileira: do complexo rural aos complexos agroindustriais**. Campinas, SP. UNICAMP, 1988.

LAMARCHE, H. **A agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução: Frédéric Bazin. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. RJ. Ed. 34, 1994.

MARAFON, Gláucio J. **Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense**. Campo-território: revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, fev. 2006, p.17-60. Disponível em <http://www.campoterritorio.ig.ufu.br//viewissue.php?id=1>

MULLER, G. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. Editora Hucitec. São Paulo, 1989. 149p.

NETO, W. G. **Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira**. 1960-1980. São Paulo, Hucitec, 1997. 245p.

GARCIA, Jr. A. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 236 p.

SABOURIN, E. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Tradução: Leonardo Milani. – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, J.V.T. **Colonos do vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAQUET, Marcos. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste paranaense. In: SPOSITO, M. E. e WHITACKER, A. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006a. p. 157-186.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura Familiar: realidades e Perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.